

O impacto do futebol nas relações internacionais: uma análise da atuação do Catar no esporte como estratégia de projeção internacional ¹

ARAUJO, Matheus ²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar o impacto do futebol nas relações internacionais e como os Estados atuam em políticas de vinculação do esporte em suas estratégias geopolíticas. Para tanto, a pesquisa irá abordar os impactos do futebol nas relações internacionais, com enfoque na atuação da maior entidade esportiva do mundo, a FIFA e do Catar, primeiro país do Oriente Médio a sediar uma Copa do Mundo, evento de maior proporção midiática do planeta. É um exercício relevante, tendo em vista a escassez de estudos acadêmicos que compreendem a relação entre o esporte e relações internacionais, o que contrasta com a notável influência que uma organização internacional como a FIFA possui frente aos Estados. Além disso, o trabalho tem como objetivo analisar as estratégias adotadas pelo Catar, como os investimentos em infraestrutura, compra de times de futebol e a realização da Copa do Mundo em 2022, além de destacar as motivações dos países na busca por sediar megaeventos internacionais atualmente.

Abstract: This article aims to investigate the impact of football on international relations and how States act on policies that link sport to their geopolitical strategies. To this end, the research will approach soft power as a theoretical source, in an attempt to clarify the contradictions that surround this concept when it is related to sport, focusing on the performance of the largest sporting entity in the world, FIFA, and Qatar, the first country in the world. Middle East to host a World Cup, the biggest media event on the planet, alongside the Olympic Games. It is a relevant exercise, given the scarcity of academic studies that understand the relationship between sport and international relations, which contrasts with the notable influence that an international organization like FIFA has vis-à-vis States. The work focuses on the impact of football on international relations and Qatar's role in its investment strategy in sport to boost its image internationally, in addition to highlighting why countries seek to host international mega-events nowadays.

Palavras-chave: futebol, soft power, megaeventos, Catar

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia e orientado pela professora Sandra Aparecida Cardozo.

² Autor graduando pela Universidade Federal de Uberlândia em Relações Internacionais.

1. Introdução

O futebol interfere de forma significativa as relações internacionais de várias maneiras. Considerado um esporte que atrai as massas, se tornou mundialmente popular e pode ser entendido como uma ferramenta da diplomacia ao ajudar a construir relações político-econômicas entre Estados. Um termo conhecido pela literatura no campo das RI - e que usualmente é relacionado ao esporte - é o *soft power*, elaborado pelo cientista político norte-americano Joseph Nye (2004, p.6). Entretanto, este trabalho entende o risco de tratar apenas como estratégia de *soft power* o uso do esporte, especificamente o futebol, visto que questiona quais estratégias foram adotadas pelo o Catar e como elas foram implementadas, além de analisar as consequências dos investimentos do emirado nos últimos anos. Embora tenha buscado novas dimensões de poder e projeção internacional diante de sua ascensão econômica via exploração e produção de hidrocarbonetos, a tentativa do Catar em mostrar para o mundo uma imagem de um país moderno em constante progresso esbarrou nas críticas da comunidade internacional, devido às contradições e polêmicas no que se refere aos direitos humanos, envolvendo o país antes e durante a realização da Copa do Mundo, principal vitrine para os países quando o assunto é esporte.

De outro modo, o futebol foi utilizado como forma de protestos políticos ou como uma plataforma para a expressão de opiniões políticas. Por exemplo, protestos ou manifestações de torcedores durante jogos de futebol chamam a atenção para questões sociais ou políticas relevantes. Outra forma que o futebol afeta as relações internacionais é através da realização de megaeventos internacionais como a Copa do Mundo, realizada pela Federação Internacional de Futebol, a FIFA. O que antes era visto como uma fonte de orgulho nacional, em contrapartida, eleva a tensão entre nações que se encontram em situação de conflito, tendo em vista o interesse de muitos países em adquirirem o direito de sediar eventos de tamanha proporção.

Em resumo, o esporte pode ser visto como uma ferramenta de diplomacia, uma plataforma para a expressão política e uma fonte de competição internacional. As interações no campo de jogo tem implicações significativas nas relações entre nações e culturas. Além disso, os resultados encontrados pelos países que decidem investir no ramo variam entre si, mas se relacionam diretamente com as estratégias de crescimento destes.

O presente trabalho trata essencialmente sobre a relação entre o futebol e as relações internacionais. A partir do método qualitativo de pesquisa através de uma metodologia hipotético-dedutiva, fazendo um estudo do caso do futebol e sua relação com as estratégias dos Estados na busca por ganhos de poder, como no caso do Catar e a realização da Copa de 2022 no emirado. Desse modo, a questão chave dessa pesquisa levanta o foco para investigar de quais maneiras o futebol e os investimentos nesse esporte contribuem para as estratégias de soft power do Catar. Diante disso, o trabalho entende que O Catar encontra no futebol uma das possibilidades de desenvolvimento de sua credibilidade e confiança no cenário internacional. Hoje, o país tem influência significativa no futebol europeu por meio de patrocínios, realização de eventos esportivos e a compra de clubes por empresas privadas, como no caso do Paris Saint Germain. A estratégia do emirado é construir uma imagem e reputação de um país moderno, estável e desenvolvido tecnologicamente. Através dessa tentativa, o país consegue um incremento em sua marca nacional, sob a qual Estados e outros atores internacionais encontram possibilidades de negociações lucrativas. Desse modo, o futebol aparece como um facilitador de acordos diplomáticos, econômicos, turismo e instrumento de políticas públicas.

Para isso, inicialmente foi traçado um histórico desse esporte desde suas primeiras aparições no mundo, passando pelo período em que foi difundido entre os continentes e institucionalizado com a criação das entidades esportivas. Ademais, aborda-se como o futebol se tornou um produto rentável e midiático, assim como o enxergamos atualmente. Na sequência, é apresentado o histórico e a lógica de organização da principal entidade que comanda o futebol no mundo, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e suas inclinações como organização não estatal, tomando como referências os estudos acerca das organizações internacionais no campo das Relações Internacionais..

Durante a segunda seção deste trabalho, é realizado um estudo sobre o emirado do Catar, país que sediou a última Copa do Mundo, em 2022. Aspectos gerais, como localização e organização política são abordados de forma sucinta, visto que as questões relativas ao seu projeto ambicioso e lucrativo de produção de hidrocarbonetos são tratadas como objeto de estudo para explicar as motivações do país em investir alto no ramo esportivo nos últimos anos, fenômeno que acomete outros países da região, como Bahrein e Arábia Saudita.

Ao final do trabalho é realizada uma análise de como o futebol serviu de instrumento político do Catar até a realização da Copa do Mundo de 2022 no país. Para isso, é exposto o conceito de *sportswashing* e como o Catar e outros países da Península Arábica utilizam dessa estratégia para que sejam apresentados à comunidade internacional como uma região marcada apenas pela modernidade e progresso, focados em contribuir geopoliticamente com a globalização neoliberal. No entanto, se tratam de governos não democráticos e frequentemente estão envolvidos em controvérsias no que se refere aos direitos humanos, além do fundamentalismo religioso. Não obstante, é apresentada uma análise da importância da realização de megaeventos esportivos, utilizando o conceito da globalização como referência para compreender os desdobramentos políticos e econômicos de eventos de tamanha popularidade, como no caso da Copa do Mundo. Além disso, também é analisado o desempenho do emirado do Catar durante a preparação para o evento, tanto quanto ao gerenciamento das obras, problemas enfrentados diante da situação controversa a qual se encontravam os operários imigrantes, sinais que vão de encontro à afirmação de que a estratégia de sediar o evento bem sucedida em sua totalidade.

2. O futebol: do lúdico ao negócio lucrativo na era da globalização

Mundialmente conhecido, o futebol pode ser interpretado a partir de diferentes abordagens. Os Estados passaram a tratá-lo como instrumento que abre brechas para a cooperação internacional e para a diplomacia, ao realizarem competições nas quais culturas distintas se encontram para embates competitivos num campo de futebol. (DARBY, 2002). Atores não estatais, como a Federação Internacional de Futebol (FIFA), a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) e as demais federações de cada país buscam maneiras de atingir lucros e alavancar seus ganhos de poder. Consequentemente, visualizar o futebol no século XXI sem entendê-lo como uma abertura para interesses econômicos é impossível. O que denominamos como futebol moderno possibilitou a construção de estádios com estruturas astronômicas, e clubes anteriormente movidos apenas pelo apreço ao jogo e pela paixão dos fãs se tornaram verdadeiras máquinas de fazer dinheiro, especialmente diante do aporte financeiro de fundos bilionários de países como Estados Unidos, Arábia Saudita e Catar.

Por outro lado, nas palavras do escritor e jornalista estadunidense Franklin Foer em seu livro *Como o Futebol Explica o Mundo*, o futebol é muito mais do que um esporte, se

tornando uma metáfora da Nova Ordem Mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais, capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação (FOER, 2004).

Fica evidente que todas as regiões do mundo jogaram algo semelhante ao futebol, mas com diferentes registros e variadas formas de jogar. Porém, o início da regulamentação do desporto ocorreu por volta de 1848, na Grã-Bretanha, precisamente na Inglaterra, onde o jogo foi utilizado como prática educacional nas escolas inglesas, ainda que sem regras e visivelmente oposto ao que entendemos como futebol atual. De modo mais preciso, é na Universidade de Cambridge onde algumas das primeiras regras foram criadas, as quais são referência para o regulamento atual do futebol. Limitações no uso das mãos e a valorização do aspecto mental em oposição ao uso da força foram as primeiras ideias propostas. (AGOSTINO, 2002).

Mais tarde, em 1863, as primeiras discussões acerca da necessidade de aplicar regras comuns ao jogo levaram estudantes ao histórico encontro na chamada Taverna dos Maçons Livres, na cidade de Sheffield, onde estudantes de várias escolas da região propuseram novas regras, como o número de jogadores, duração das partidas, dosagem de violência permitida, além da divisão entre quem praticava e quem assistia aos jogos, já que anteriormente qualquer um poderia se intrometer no jogo e praticá-lo. (PRATA apud. AGOSTINO, 1999).

Não levou muito tempo para a prática do futebol se espalhar pelas cidades inglesas e atingir os demais países europeus. Após a criação da FA, países como Itália, Alemanha, França e Bélgica também criaram suas próprias federações e estimulou a realização de competições extra oficiais. Não obstante, as instituições suecas, francesas, espanholas e belgas iniciaram discussões para que houvesse a unificação do futebol no continente.

Assim, foi fundado em 1904 o principal órgão institucional do futebol a, a FIFA, responsável por conduzir o futebol internacional, promovendo competições e estabelecendo regras, de modo que o esporte se tornasse definitivamente uma ferramenta de inclusão social e cooperação política muito importante na época, ainda que com poucas inclinações econômicas e interesses de Estado. A atuação da FIFA será tratada posteriormente no trabalho (PEREIRA, 2018, p.16).

A difusão do futebol no mundo é um fenômeno que se estende por diversas culturas, países e continentes. Desse modo, elementos como a guerra, religião, partidos políticos e posteriormente a comercialização internacional do futebol tiveram papel importante na construção de um comportamento global não apenas do futebol, como de outros esportes populares.

No contexto da Primeira Guerra Mundial, o futebol chegou a ser praticado nas próprias localidades onde as batalhas eram travadas. No entanto, o conflito ocorreu diante de um esporte ainda em formação, com poucas equipes profissionais e poucos duelos entre seleções nacionais. O que ilustra essa relação são os reconhecidos amistosos de Natal, ou a chamada “Trégua de Natal”³, quando soldados dos países em conflito largaram as armas para celebrar as festividades de Natal, em 1914. Curiosamente, tal iniciativa foi promovida pelos próprios combatentes, sem que houvesse qualquer tipo de acordo entre governantes ou ordem dada pelos superiores. (AGOSTINO, 2004).

Afinal, o Natal passava ser uma lembrança não vivida, ainda assim esperada como a paz possível, mesmo que efêmera. Em meio à troca de cigarros, bebidas e chocolates, houve notícia de que alguém deu o pontapé inicial, fazendo um jogo de futebol emergir entre as crateras de lama. Enquanto alguns relatos falam em uma lata de carne sendo chutada de um lado para o outro, há quem diga ter sido utilizada uma bola de verdade, o que não seria tão difícil, uma vez que, ao longo de todo o conflito, centenas de bolas foram enviadas ao front. (AGOSTINO; 2002.)

Não somente durante a Primeira Guerra o esporte esteve presente como escape do conflito armado. São inúmeros os casos onde o futebol se aproximou dos povos e deixou marcas relevantes no curso da história. Durante a I e II Guerras Mundiais, muitos esportistas foram convocados para o serviço militar, e alguns jogos foram usados para fins de propaganda pelos regimes nazistas e fascistas. Além disso, em algumas situações de conflito armado, os estádios de futebol também foram usados como alvos militares e até mesmo como campos de batalha.

Não obstante, o esporte passou a ser visto como elemento de afirmação nacional diante de uma relação entre Estados multinacionais, dessa vez arraigado pelo crescimento da

³ O jogo mencionado ocorreu na região de Saint-Yves, território belga, onde soldados ingleses foram surpreendidos por combatentes alemães desarmados próximos aos esconderijos britânicos. Em um gesto icônico, os alemães ofereceram presentes e conseqüentemente houve uma confraternização entre as duas frentes.

mídia, da espetacularização e massificação do esporte no período pós-guerra. A evolução da televisão como ferramenta relevante de divulgação dos jogos e campeonatos colaborou muito para a internacionalização e popularização do futebol no início dos anos 1970. Agregado ao fenômeno televisivo, o consumismo por mais espetáculos e competições garantiu que atletas ficassem mais conhecidos mundialmente, o que despertou um olhar mais atento dos governos dos Estados sob a tentativa de fazer dos protagonistas do esporte de seu país um estandarte político nas estratégias de propaganda desses governos.

2.1. Caso Bosman e a rearticulação do futebol no mercado internacional

Um caso específico ocorrido na década de 1990 alterou a lógica do mercado e a jurisdição sobre o esporte. O jogador belga Jean-Marc Bosman havia encerrado seu contrato com o time belga *RFC Liège* e aguardava uma renovação que posteriormente não satisfizes o atleta, levando-o a aceitar uma proposta de outro clube, o *USL Dunkerque*, da França. Assim, o Liège decidiu cobrar uma compensação do clube francês de cerca de 12 milhões de francos belgas (US \$352 mil), recusada pelos franceses, o que fez com que o jogador permanecesse vinculado ao Liège. Bosman tratou o caso com o advogado Jean- Louis Dupont e exigiu sua liberdade ao clube, à Federação Belga de Futebol e à UEFA.

O caso de Bosman desencadeou um processo que mudaria os rumos do futebol naquele momento. O que se viu naquele período foi o processo judicial mais importante da história do desporto, graças aos esforços contínuos do atleta pela garantia de direitos trabalhistas. Ficou sentenciado que seria aplicado ao esporte profissional o princípio da livre circulação de trabalhadores e logo foi estudado um projeto de lei que entraria em vigência logo depois. O caso só teve resolução em 15 de dezembro de 1995, quando o Tribunal de Justiça da União Europeia abarcou o Tratado de Roma de 1957 (Tratado Constitutivo da Comunidade Econômica Europeia) como referência. Assim, ficou definido que as compensações financeiras por transferências de jogadores que se encontravam no final de seus contratos não era um ato legal, além do encerramento da quantidade limite de jogadores estrangeiros que poderiam atuar em outros países da União Europeia. (ESPN , 2020)

Com base no Tratado Constitutivo da Comunidade Econômica Europeia (1957), um acordo pré-União Europeia, que garantia a livre circulação de pessoas, trabalhadores, capitais e serviços, os advogados de Bosman construíram a sua defesa. A linha argumentativa da defesa do jogador defendia que os jogadores de futebol deveriam ser enquadrados como um trabalhador como outro qualquer e que,

portanto, estavam livres para trabalhar e circular nos países membros da UE (FIGOLS, Victor de Leonardo. Jean-Marc Bosman: o jogador que revolucionou o futebol. Ludopédio, São Paulo, 2018).

A FIFA tentou limitar este cenário para apenas 21 de suas 193 federações filiadas, mas logo o processo se estendeu para o mundo todo. O argumento da entidade era de que como sua sede estava localizada na Suíça, fora do controle da UE, teria total autoridade sobre o processo. No entanto, um movimento que partiu dos próprios jogadores, entre eles grandes nomes como Johan Cruyff e Franz Beckenbauer, ganhou força e a sensação naquele momento era que as instituições deveriam alterar seus princípios. A conclusão do processo foi implacável. A partir daquele momento, grandes clubes do futebol europeu como Real Madrid, Ajax, Barcelona e Milan passaram a contar com cada vez mais estrangeiros em seus times principais, muitos deles brasileiros (ESPN, 2020). Após a corte determinar a todas as confederações, em conjunto com a UEFA e a FIFA, a resolução final definiu:

A resolução do Tribunal da UE estabeleceu pelo menos dois procedimentos que deveriam ser adotados pelos clubes europeus: 1) o jogador não poderia ficar preso a um clube, e a cobrança pela sua transferência (após o seu contrato ter expirado) se tornava uma prática ilegal; 2) estabeleceu uma nova regra de restrição a jogadores estrangeiros, desde que a nacionalidade do jogador fosse de um país membro da UE, ele não seria considerado estrangeiros dentro de um país membro da comunidade (FIGOLS, Victor de Leonardo. Jean-Marc Bosman: o jogador que revolucionou o futebol. Ludopédio, São Paulo, 2018).

Este, portanto, é o ponto de partida de um acontecimento histórico no mundo do esporte. Os atletas passaram a ter todos seus vínculos encerrados ao final dos contratos e tiveram mais liberdade de escolha, no que se refere às suas carreiras profissionais. Ademais, a circulação de jogadores de todos os lugares do mundo aumentou e o futebol se tornou, de fato, um produto do mundo globalizado onde os valores pagos por jogadores de alto nível cresceu abruptamente e os países passaram a aplicar seus interesses de Estado vinculados ao futebol.

2.2 A FIFA e o futebol como produto rentável

A FIFA conta com uma ampla estrutura que se transformou ao longo dos anos. Após a era de João Havelange (1974-1998), a organização definiu novas metas e deu continuidade no

processo de ampliar seu alcance. Atualmente, a estrutura interna da entidade é composta pelo secretariado geral, responsáveis pela função executiva, operacional e administrativa, além de estar sob direção do Secretário Geral, chefe do executivo. O Congresso compõe o legislativo e supremo. O Conselho se reúne três vezes ao ano, segundo o FIFA Governance Regulations. (FIFA, 2016).

O Conselho conta com 37 membros e o presidente - atualmente o suíço-italiano Gianni Infantino - é eleito pelo Congresso. Infantino está na presidência da entidade máxima do futebol desde 2016 e esteve à frente das principais decisões da FIFA nos ciclos de duas Copas do Mundo, na Rússia em 2018 e no Catar em 2022.

Com sede em Zurich, na Suíça, a FIFA é considerada uma organização internacional não estatal, ou seja, não há fins lucrativos. A organização conta com 211 federações esportivas que representam seus países de origem e é responsável pela realização do principal evento de futebol do mundo, a Copa do Mundo FIFA, além de supervisionar as principais competições realizadas no ramo do futebol. Segundo o *Yearbook of International Associations*, a entidade pode ser entendida como uma organização de adesão universal, sem excluir sua imagem não governamental, o que faz com que sua estrutura deve conter entre 30 e 60 países em pelo menos dois continentes, com uma distribuição balanceada, em termos geográficos. (Yearbook of International Associations, 2004).

A FIFA tem como sua principal missão promover o desenvolvimento do futebol em todo o mundo, tanto no nível amador quanto profissional, estabelecendo as regras e normas do jogo e fornecendo meios para resolver diferenças. Dessa forma, as associações de futebol em todos os continentes podem contribuir para o desenvolvimento desse esporte, sem interferência governamental, e ajudar a construir um mundo melhor por meio do futebol (FIFA, 2022). São, atualmente, 211 membros ativos na FIFA, número que traduz a grandeza e alcance da organização, a qual conta com mais membros que a própria Organização das Nações Unidas (ONU) e o Comitê Olímpico Internacional (VASCONCELLOS, 2008)⁴.

Segundo o Estatuto da FIFA, os objetivos da entidade vão além do gerenciamento do futebol mundial via federações. Os documentos oficiais da instituição indicam qual a “missão” da associação. A partir disso, é possível analisar como a FIFA aborda suas

⁴ Países que não são reconhecidos como Estados pela ONU fazem parte da FIFA. São os casos de Hong Kong, Taiwan, Kosovo, Curaçao, Ilhas Faroe, Palestina, Bermuda, Guam, Porto Rico, Ilhas Virgens Americanas, Samoa Africana, Ilhas Cayman, Ilhas Cook, Micronésia, Kiribati, entre outros (EXAME, 2016).

estratégias de imagem. Alguns pontos do discurso da entidade abordam questões como a melhoria do futebol e sua promoção global, bem como a disseminação de valores educacionais, culturais, humanitários e ambientais.. Em outro momento, o propósito mercadológico da organização é evidente ainda no início dos anos 1970, quando o brasileiro João Havelange substituiu Stanley Rous no cargo de presidente. É na sua gestão que a entidade compreende o futebol como negócio rentável às federações nacionais. Segundo Darn (2011), Havelange anunciou a venda do “produto” futebol e frisou o novo protagonismo de regiões como a África, Oriente Médio e Ásia. A estratégia era elevar o patamar da organização a nível político, ganhando influência em regiões com pouca tradição no futebol, e a nível econômico, mantendo parcerias comerciais com empresas como a Coca Cola e Adidas, parceiras no patrocínio dos megaeventos e no fornecimento de material esportivo.

2.3 *Soft power*, globalização e diplomacia pública

A identificação e os estudos acerca da relevância do *soft power* para os Estados emergiram em 1990, quando as teorias realistas eram voltadas ao entendimento de um poder tangível baseado em coerção e pagamentos como única forma eficaz de adquirir influência na balança internacional de poder. Nomes importantes do campo das Relações Internacionais, como Edward Carr (1939) e o neorrealista Kenneth Waltz (1979), introduziram o pensamento acerca dos tipos de poder exercidos pelos Estados. Desse modo, o debate convencional era pautado na definição do poder como algo exclusivamente militar e econômico, sendo ambos dados em situações de coerção e imposição.

Por sua vez, o *soft power* está relacionado à ideia de cooptação e atração, ou seja, uma política em que os atores estatais criam e expandem sua área de influência através do apelo e sedução dos aspectos culturais e sociais, sem conduzirem suas estratégias em conflitos militares e imposições econômicas para atingirem seus objetivos (NYE, 2004 p.6).

Nye entende que o poder, como a capacidade de influenciar o outro a fazer o que você deseja, sendo essa capacidade dividida em três tipos: a ameaça, a influência por meio do dinheiro e a capacidade da atração, indo de encontro às teorias mais tradicionais das relações internacionais. Em seu artigo “*Power and foreign policy*”, publicado em abril de 2011, Nye:

Totalmente definido, *soft power* é a capacidade de afetar outros para obter resultados preferidos por meio da cooptação de enquadrar a agenda, a persuasão e a atração positiva. Em geral, os tipos de recursos associados ao poder duro incluem bens tangíveis como força e dinheiro, enquanto os recursos associados ao poder brando incluem frequentemente fatores intangíveis como instituições, ideias, valores, cultura e legitimidade percebida das políticas. (NYE JR, 2011, tradução nossa).

A conceituação de *soft power* recebeu atualizações ao longo dos anos e deixou de ser apenas um aparato analítico para se tornar um conceito instrumental, diante do espaço que o termo ganhou no meio político. Incluir o *soft power* nas discussões acerca do poder dos estados é um exercício fundamental por parte dos especialistas, tendo em vista o fenômeno da globalização e o crescimento astronômico dos meios de informação. Além disso, sua abordagem é rodeada de alguns indicadores: a qualidade das instituições políticas, a excelência de seu apelo cultural, o turismo, a reputação global de seu sistema de educação superior, a atratividade do modelo econômico e o engajamento digital do país em relação ao mundo. Diante disso, podemos observar que o sucesso do *soft power* está diretamente ligado à reputação e credibilidade de um país em relação à comunidade internacional, interagindo com o processo de globalização com o compartilhamento de informações e cooperação entre os atores.

Nye (2004) aborda o *soft power* diferenciando em comportamentos e recursos. Segundo ele, o *soft power* comportamental está relacionado ao poder de atração do ator. No que se refere aos recursos, as ferramentas de *soft power* são os elementos que produzem essa atração. Porém, Nye entende que todo tipo de poder de um Estado está diretamente relacionado com o ambiente que está sendo exercido, quais são os atores que se relacionam e qual a natureza dessa relação. Dessa forma, algumas culturas que defendem valores incompatíveis com os dos atores que tais países se relacionam e adoção de políticas que não se adequem aos valores dos demais, podem defasar o *soft power* de determinado ator internacional (NYE, 2004).

A concepção de globalização como a crescente interdependência entre indivíduos, grupos e nações é um dos pontos que evidencia o uso do futebol em termos de poder de atração. A chamada globalização neoliberal mudou os rumos da economia internacional, num cenário em que o capitalismo neoliberal ganhou força devido às transformações tecnológicas nos meios de comunicação e transporte e possibilitou a desregulação dos mercados, maior fluxo financeiro e conseqüentemente o comportamento dos países ocidentais em promover

uma concepção política e econômica que levasse à uma maior liberdade de investimentos internacionais. Tal análise traduz exatamente como surge o conceito de *soft power* de Nye e ilustra o futebol como um dos instrumentos de “captar a atenção” de outros atores na arena global.

Por fazer parte de uma cultura popular, o esporte - sobretudo o futebol, o esporte mais popular do mundo - frequentemente é vinculado como um instrumento de *soft power*. No entanto, este trabalho entende que o futebol por si só não é capaz de transformar um país em um ator relevante em termos de poder brando. No entanto, pode ser utilizado como vitrine de marcas corporativas como propaganda do Estado (*state branding*) ou quando um evento de proporção global é sediado em seu território. Pizarro menciona “o esporte e o *soft power* caminham juntos, pois os valores do esporte são símbolos utilizados no âmbito global, fazendo com que os órgãos de governança desportiva e empresas sejam atores importantes a serem observados nas relações internacionais, com atuação na atual governança global”.

Destarte, o *soft power* é acompanhado do que se entende na literatura como diplomacia pública dos Estados. Ela pode ser interpretada como uma medida política de *soft power*, visto que se refere à tentativa de Estados e organizações internacionais que possuam o objetivo de se aproximarem de outras nações. Conseqüentemente, busca-se o fortalecimento de sua própria imagem, tornando-a positiva para o externo. Melissen (2005), cita maneiras - assim como a diplomacia pública para melhorar a imagem de um país pelo exercício de *soft power*, como a propaganda e as relações culturais (MELISSEN, 2005).

A diplomacia pública, conceito criado por Edmund Gullion (1965), traz uma abordagem que vai além do que se entende pela diplomacia tradicional. A ideia é de que a opinião pública influencia as ações do Estado em sua política externa em um ambiente onde empresas, organizações não governamentais e outros atores não estatais tem como objetivo formar relações com o público desejado (GULLION, 1968 apud CULL, 2006; CULL, 2009).

3. O Emirado do Catar: caracterização, ascensão econômica e *soft power*

Localizado na chamada Ásia Ocidental, o Emirado do Catar aparece como objeto de estudo com mais frequência a partir dos anos 2000, graças à sua ascensão econômica pela exploração de petróleo e gás natural na região do Golfo Pérsico. Se trata de uma região importante do ponto de vista geoestratégico, principalmente no que se refere ao setor

energético, pela questão dos hidrocarbonetos. Seu território foi formado com base em acordos entre as potências ocidentais após a Primeira Guerra e ficou sob controle britânico até sua independência, conquistada em 1971.

Em termos econômicos, o emirado conta com o sexto maior PIB per capita do mundo, chegando a 68,795 dólares por habitante. No entanto, vale ressaltar que são poucas pessoas consideradas cidadãos, constituindo cerca de 14% apenas da população catari. O restante é formado por trabalhadores imigrantes de países próximos, como Índia, Bangladesh, Filipinas, Omã, Kuwait, etc. Essa parcela da população não conta com os mesmos direitos e proteção legal dos cidadãos nativos, pois são enquadrados no controverso sistema *kafala*, no qual o empregado permanece sob a tutela jurídica de seu patrão.

O Estado catari é governado por uma monarquia absolutista constitucional, na qual o poder é repassado hierarquicamente de pai para filho. A figura de seu governante é centrada no Emir, precisamente na família Al Thani, consolidada no poder desde 1825, um reinado que completa 200 anos em 2025. (Fromherz, 2012). O chefe de estado decide sobre todos os setores do aparato governamental e assume total controle do Estado. Desse modo, o atual emir, Tamim bin Hamad Al-Thani, é um dos responsáveis pela caminhada ousada do Catar até se firmar como uma das principais economias do mundo contemporâneo.

Não obstante, o país trabalhou de forma incisiva no desenvolvimento de sua infraestrutura e no avanço de sua imagem no cenário internacional como potência regional em ascensão. Todo o planejamento do governo catari remonta às diretrizes trabalhadas no documento oficial emitido pelo seu atual emir, Tamim bin Hamad Al-Thani, no poder desde 2003. Intitulado “*Qatar National Vision 2030*”, o documento compreende todo o planejamento do país para se tornar uma potência econômica internacional até a próxima década. No entanto, a formação de seu Estado é recente e as diretrizes de sua estratégia de projeção internacional passaram por fases distintas ao longo do tempo. O projeto para se lançar como um ator internacional de relevância é arraigado por medidas direcionadas simultaneamente à aproximação com as questões do mundo ocidental e o fortalecimento de sua imagem como potência regional no Oriente Médio, via investimentos no esporte (GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE, 2008).

O reinado de Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, iniciado em 1995, é marcado pelo momento em que quando o governo catari deixou de priorizar suas relações com vizinhos como Arábia Saudita e redefiniu sua agenda diplomática ao permitir que a capital Doha

tomasse medidas independentes e se inclinasse às relações com as grandes potências, além de apresentar uma política externa baseada no desenvolvimento de projetos nas áreas de educação, cultura, mídia, turismo e esportes. Todo o projeto é financiado pelas reservas de riquezas que o país possui no que se refere à vasta quantidade de petróleo e gás natural encontrada nesta região, o que eleva o patamar internacional do Catar no setor energético.

3.1 A questão dos hidrocarbonetos e a presença do Catar no Golfo

O relativo sucesso do Catar nos últimos anos tem como base o investimento realizado no setor energético. Embora a exploração e produção de combustíveis fósseis permaneça em alta, os países que contam com as maiores reservas de petróleo e outros tipos de combustíveis se movimentam na busca por melhores alternativas de produzir energia. Nesse sentido, a geopolítica energética tem sido pautada pelo choque entre os mais distintos países e suas culturas que buscam maior controle e acesso aos locais estratégicos de exploração.

Não obstante, a questão da geopolítica energética é fundamentada na busca por maior diversificação da produção, em termos energéticos e geográficos (CONANT; GOLD, 1981). Dessa forma, o Catar busca maior participação no que diz respeito a uma outra fonte energética, o gás natural liquefeito (GNL). Ao passo que a produção de petróleo diminuir, as nações industrializadas serão cada vez mais dependentes do gás natural. No início do século XXI, segundo o Departamento de Energia, as reservas mundiais de gás natural totalizaram cerca de 6.046 milhões de pés cúbicos, equivalente a 1.094 milhão de barris de petróleo, o que corresponde a 92% do total de reservas de petróleo conhecidas naquele período (KLARE, 2006).

Parte da literatura sobre a questão energética indica que os países que contam com uma quantidade vasta de recursos energéticos nem sempre tiveram desempenho econômico superior a países desprovidos de tais recursos. A chamada “maldição dos recursos naturais” (ROSS, 2015) traduz o aumento da fragilidade de um país quanto a exploração de determinado recurso, que acaba sucumbindo politicamente, impulsiona movimentos separatistas e faz com que a nação se torne alvo de exploração de outras potências e empresas transnacionais. Periard e Losekann (2012) apontam as elites econômicas como outra explicação para a derrocada econômica desse grupo, uma vez que essas elites têm controle de todo o aparato político do país, o que pode ocasionar o estabelecimento de vantagens específicas, além da busca por manter os privilégios dessa classe.

A literatura usualmente indica os malefícios que ocorrem em países produtores energéticos, como as oscilações de preços das commodities, corrupção, políticas sociais ineficazes, deterioração das instituições, má distribuição da renda e autoritarismo. Agregada à “maldição”, a chamada “doença holandesa” resulta na desvalorização cambial e na falta de diversificação da produção em países produtores de energia. Também indica efeitos negativos como resultado da produção de energia desses países. Em suma, conforme um país exportador de energia começa a receber quantidades astronômicas de dólares em um curto espaço de tempo, ocorre uma desvalorização cambial, diminuindo o poder de compra da população.

Desse modo, o Catar entende que se desvencilhar destes problemas supracitados é uma estratégia governamental e de suma importância para o sucesso do país. Assim, o governo criou os chamados fundos soberanos, que nada mais são do que reservas criadas diante do princípio intergeracional. A lógica desse princípio se baseia na ideia de que os recursos naturais devem ser aproveitados pelas futuras gerações e, com a aplicação de políticas públicas adequadas e direcionadas para a resolução de possíveis problemas envolvendo o setor energético de determinado país com abundância de recursos naturais.

A relevância dos recursos naturais no Catar é tão influente que o país basicamente se desenvolveu com base nas rendas provenientes da produção e comercialização desses ativos energéticos. A própria infraestrutura catari, reconhecida pela sua arquitetura ultra moderna, só foi financiada graças à renda procedente destes recursos. No entanto, Fromherz (2012) aponta que a história catari não é explicada somente pela presença de hidrocarbonetos em seu território, mas de como a renda alcançada com a comercialização desses ativos possibilitou a tentativa de projeção de influência e a construção de mega estruturas que geram impactos significativos na sociedade.

Por outro lado, desde o início do século, o governo do Catar tem se preocupado especialmente com a diversificação de sua economia, dada a concepção de que os recursos naturais são finitos e que seriam necessárias outras formas de desenvolver o país. Muftah (2016), aponta algumas fraquezas do projeto catariiano, como o despreparo do capital humano expatriado para trabalhar na exploração dos recursos naturais. Segundo o autor, o país consegue minimizar os problemas no curto prazo, melhorando a infraestrutura e tentando assegurar os empregos de expatriados, mas precisa direcionar seus esforços em políticas públicas de longo prazo. Nesse contexto, o reino do sheik Hamad promoveu dois projetos para o desenvolvimento do Catar: o *Qatar National Vision 2030 (QNV)* e o *Qatar National*

Development Strategy, em que o esporte entra como um dos pilares de projeção de desenvolvimento no país.

O século XXI inaugura uma fase de ascensão do planejamento do Catar visando seu potencial tecnológico e o exercício de *soft power*, porém gerando custos ao país. A rede de comunicação Al-Jazeera tem registrado prejuízos anuais desde sua fundação, mas, em contrapartida, também foram gastos bilhões de dólares em arte e construção de museus de grandes estruturas. Ademais, o país entrou na corrida para sediar diversos torneios esportivos de renome e realizar conferências globais abrangendo uma ampla gama de temas. A rodada de Doha, a compra de clubes de futebol e a realização da última Copa do Mundo ilustram esse comportamento. Tudo isso foi feito com o objetivo de elevar a visibilidade do Catar, além de reforçar e disseminar uma mensagem progressista sobre o país ao resto do mundo.

3.2 *Soft power* do Catar e o investimento no esporte

Como mencionado, o sucesso do *soft power* de um país depende da reputação do ator no cenário internacional, o que facilita na relação com outros atores. O conceito de *soft power* é geralmente associado com a ascensão da globalização e a teoria neoliberal nas relações internacionais. Assim, elementos como a cultura popular e a mídia são frequentemente identificados como importantes fontes de *soft power*. A possibilidade de chamar a atenção de vários países por meio da promoção de uma cultura ou realização de megaeventos atrai um grupo de Estados que buscam se desenvolver e otimizar as relações com os grandes centros econômicos globais. No caso dos países da região do golfo, especialmente Catar e Arábia Saudita, o setor esportivo vem recebendo muitos investimentos nessa região.

Ao analisarmos o *soft power* do Catar, nota-se que o emirado busca exercê-lo por meio da atração, investimentos e pagamentos. No início da década ocorre a aliança militar com os Estados Unidos e uma crescente redistribuição da riqueza entre seus cidadãos, fatos que ajudam a explicar sua estabilidade e relevância no Oriente Médio. Além disso, o Catar tem se mostrado ao plano internacional como importante mediador de conflitos, entre eles o embate entre Estados Unidos e Talebã, Rússia x Ucrânia e mais recentemente o conflito entre Israel e o grupo militar Hamas.

Além disso, embora os últimos anos mostram uma participação efetiva no setor, o Oriente Médio se encontra em uma posição geoestratégica marcada por interesses militares entre as grandes potências que enviaram tropas e armamento para essas regiões. As chamadas

guerra proxy⁵ são parte do planejamento catari para conquistar aliados e se inserir na dinâmica central dos principais atores do sistema internacional. No que tange ao recesso conflito entre Israel e Hamas (braço militar do governo palestino considerado um grupo terrorista pelos Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia) o Catar atua como mediador nas negociações de libertação de reféns. Após as relações do emirado com Israel terem sido cortadas em 2009, Doha aloca um escritório de lideranças políticas do Hamas desde 2012⁶, chefiado pelo seu líder, Ismail Haniyeh (BBC, 2023).

Outro ponto de atração é relativo à eficiência de seu sistema educacional, progressista e estabelecido pelo modelo ocidental (ONTWI-BOATENG, 2013). Demais investimentos, como o ponto central deste trabalho - o setor esportivo - aliado aos ganhos de imagem conquistados pela rede televisiva Al Jazeera, própria do Catar, contribuem para o sucesso financeiro do projeto. Mas, como o Catar encontrou no esporte uma alternativa de investimentos? Um dos motivos está relacionado ao potencial energético do país. Nesse sentido, a resposta pode ser encontrada no fato dos países que descobriram recentemente as possibilidades geradas pela exploração de hidrocarbonetos seria a diminuição da dependência de seus ativos energéticos, principal fonte de riqueza do país nos últimos anos.

De outro modo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) entende que a riqueza financeira dos países membros do Conselho de Cooperação do Golfo vai acabar em cerca de 15 anos, o que levou à busca por maior diversificação na economia dos países da região. Direcionar os investimentos à indústria esportiva pode ajudar um país nas suas relações exercendo o poder da atração, um instrumento de *soft power* em que o futebol é uma ferramenta não apenas diplomática, como também econômica (LEITE JUNIOR; RODRIGUES, 2020). Do ponto de vista econômico, não apenas o Catar como outros países do Golfo Pérsico consegue, via investimentos no futebol, criar novos mercados, como o apelo ao turismo e a tentativa de se tornarem pólos logísticos e grandes centros financeiros. Assim, esses países podem influenciar decisões em diversos setores da sociedade, visto que são Estados que dispõem de um acúmulo significativo de capital em seus fundos soberanos.

Outro importante conceito alinhado às estratégias do Catar é o chamado *state branding* ou *nation branding*, conceito divulgado por Simon Anholt (1995). Segundo

⁵ Guerras proxy são conflitos de caráter geoestratégico entre duas ou mais potências, onde não há um embate direto entre elas, mas sim, entre terceiros. São usualmente conflitos regionais entre Estados ou grupos (SILVA, 2022).

⁶ Atualmente o Catar envia milhões de dólares por ano ao Hamas para ajuda humanitária, pagamento de combustível e salários aos servidores públicos (BBC, 2023).

Gudjonsson (2005), o Estado é promotor de seu *branding*, ou seja, na elaboração de sua marca. Desse modo, o *nation branding* seria a vinculação de estratégias de marcas corporativas aos Estados, de modo que as relações entre atores estatais e não estatais sejam influenciadas. Tais estratégias são adotadas com a finalidade de desenvolverem uma imagem positiva dos Estados, para que sua presença internacional ganhe força, credibilidade, notoriedade e confiança, essencialmente com relação aos cidadãos de outros países. (GUDJONSSON, 2005).

O objetivo do *nation branding* é alcançar o público desejado diante de uma marca confiável e uma imagem positiva de um Estado-nação. Estabelecida essa marca, instrumentos de *soft power* como o turismo, cultura e esportes ganham notoriedade e são vinculadas à imagem do país. Desse modo, quando se chega a um nível alto de confiabilidade da marca de um Estado, atores internacionais e cidadãos de outros países passam a entender essa imagem como algo positivo e confiável, levando ao crescimento do atrativo e alcançando melhores resultados em termos de *soft power*. Não é à toa que o Catar estabelece suas estratégias de *soft power* alinhando-as ao *branding* internacional, uma vez que a companhia aérea *Qatar Airways* é conhecida mundialmente e estampa a camisa de um dos principais times de futebol do mundo. Peter van Ham (2001), indica que grandes marcas simbolizam o que são seus países para o mundo, devido ao alcance internacional de sua imagem e sua reputação. Marcas como a Mercedes e a BMW traduzem a eficiência da Alemanha. A Nokia já foi tratada como a embaixadora da Finlândia para o mundo. Para van Ham, marcas de renome são essenciais para atrair investimentos e conquistar influência política. Os Estados deveriam se atentar na construção de suas marcas, com o objetivo de atingirem uma boa reputação a nível internacional (LEITE JUNIOR; RODRIGUES, 2020).

Por ser, inicialmente, um país produtor de petróleo e, posteriormente, gás natural, os lucros recebidos não são equivalentes aos lucros de outras etapas da produção e, portanto, o Estado catari define o *soft power* como uma estratégia para utilizar os recursos da exploração energética em investimentos populares e midiáticos como o esporte (Fórmula 1 e futebol) e as redes de comunicação (Al Jazeera), ferramentas que possuem relação direta com a ideia de atração.

Brannagan e Giulianotti (2014) argumentam que a aproximação do Catar com o esporte, além de promover a imagem da nação e sua vasta capacidade de investimentos via capital proveniente dos hidrocarbonetos, abrange três temas principais: saúde e bem estar, progresso

e modernização e paz e segurança. Ao tratar do tema da saúde, sabe-se que o Catar tem um dos piores índices de obesidade entre a população adulta e foi classificado no índice de diabetes pela Federação Internacional de Diabetes com 20% a mais da média mundial. Acredita-se que esse resultado é consequência das rápidas transformações socioculturais vividas pelo emirado, no qual sua população adaptou-se à alimentação baseada no consumo excessivo de fast foods e a baixa frequência de exercícios físicos. No plano externo, a questão da saúde e bem estar também é relevante para o país surgir como o primeiro do Oriente Médio a combater com eficácia os desafios da obesidade e diabetes, além da busca por se tornar um país referência na temática do desenvolvimento esportivo e da medicina esportiva no mundo. Nesse último ponto, vale destacar os investimentos na chamada *Aspire Zone*, em Doha, que levaram a criação da *Aspire Academy*, uma agência voltada ao desenvolvimento do esporte no país. O objetivo nesse contexto é direto: se tornar um polo de excelência no ramo, abrigando as melhores instalações e a melhor tecnologia disponível.

3.2.1 O caso do Paris Saint Germain

O principal fundo soberano do Catar, o *Qatar Investment Authority* (QIA), é o principal responsável pelo alto volume de investimentos do país. Inspirado por oligarcas russos e investidores de Dubai, o país adquiriu o Paris Saint-Germain em 2011, através do grupo *Qatar Sports Investments* (QSI), braço do QIA, tornando Nasser Al-Khelaifi, presidente do grupo e proprietário da clube francês. Al-Khelaifi possui uma trajetória interessante, tendo sido atleta profissional de tênis, presidente da Federação Asiática de Tênis, da Ligue 1 e do Fundo Monetário Autônomo do Catar. Além disso, é sócio do *beIN Group*, cujo principal ativo é a rede de televisão Al Jazeera, uma importante fonte do *soft power* catariense, e possui uma estreita relação com o emir do Catar, Tamim bin Hamad al-Thani. (ALMEIDA; PEREIRA, 2022).

A incursão no plano internacional esportivo não se limitou à compra de clubes de futebol. Marcas famosas como as estatais *Qatar Airways* e *Emirates* - companhia aérea saudita - já tiveram seus nomes atrelados em diversas ocasiões, seja patrocinando eventos esportivos ou com seus nomes estampados nas camisas dos times ao redor do mundo. A *Qatar Airways* patrocinou o Barcelona entre 2013 e 2017 e recentemente patrocinou clubes como a Roma e o Boca Juniors. O PSG, principal clube vinculado ao Catar, anunciou a *Qatar Airways* como seu patrocinador “premium”, em conjunto com outras empresas do país, como o *Qatar National Bank* e a *Ooredoo*.

Um dos principais episódios da atuação do Catar no futebol é a transferência de Neymar Jr. do Barcelona para o PSG em 2017, transação que chamou a atenção pelo valor astronômico de 222 milhões de euros (GE, 2017), tornando-se a transferência mais cara da história na época. Além do talento do jogador, sua capacidade de marketing e alcance publicitário foram fatores relevantes, evidenciados pelo grande número de seguidores em redes sociais como Twitter e Instagram.

Essa movimentação tornou o PSG um instrumento diplomático do Catar, não apenas para demonstrar força aos rivais, mas também para consolidar sua posição no cenário competitivo do futebol europeu, que é o mais rico e poderoso no mundo do futebol. A estratégia aproximou o Catar da Europa e ampliou seu distanciamento dos países árabes. Além de Neymar, a aquisição do atacante francês Kylian Mbappé em em 2018 e do astro argentino Lionel Messi em 2021 por valores igualmente altos, ratificou a estratégia do clube e do fundo de investimento que o controla. Inclusive, é notável que a renovação de Mbappé em 2022 foi intermediada por Nicolás Sarkozy e teve participação direta de Emmanuel Macron, presidente da França. O jogador camisa 10 da Seleção Francesa e campeão do mundo na Rússia em 2018 recebeu pedidos diretos do presidente para a renovação, que girou em 7 milhões de reais por semana (SABINO, 2022).

4. A relevância dos megaeventos e a Copa do Mundo no Catar

A base de estudos acerca da criação e evolução dos megaeventos internacionais perpassa pelo conceito de globalização. Santos (2005) entende este fenômeno a partir da mudança do aparato de produção do modelo fordista para um modelo mais flexível, em que a quantidade de informação, além da produção e circulação de mercadorias cresceu de forma exponencial no fim do século XX. Essa abordagem compreende que a revolução técnico-científica-informacional fez com que a circulação de pessoas, mercadorias e principalmente de informações crescesse em uma velocidade nunca vista na história. Como exemplo, a FIFA divulgou em janeiro de 2023 que cerca de 1,5 bilhões de pessoas assistiram à final da Copa do Mundo de 2022 entre Argentina e França. (ESPN, 2023). Tal alcance reflete a globalização de forma que hoje existem inúmeros meios de comunicação que expandem as fronteiras da informação, especialmente com o desenvolvimento e rápida popularização da internet.

Assim, vale ressaltar que os megaeventos significam para o país sede boas oportunidades de acumulação de capital. Geralmente, ocorrem parcerias entre os Estados e empresas privadas para construções dos estádios e demais instalações diante da ideia de garantir maiores lucros. No caso brasileiro em 2014, para Gonçalves (2016) a Copa do Mundo foi utilizada como estratégia estatal com a finalidade de promover uma imagem positiva para a comunidade internacional. Foram construídos novos estádios e aplicadas melhorias no setor urbano das cidades que sediaram o evento. Nesse sentido, os megaeventos são estratégias importantes não somente para gerar lucros às partes interessadas, além da própria entidade organizadora, a FIFA, como também pelo seu potencial de conectar milhões de espectadores no mundo todo, em um contexto que o país sede fica em evidência internacional, mesmo que por um breve período de tempo, caso não se enquadre como uma potência global, exemplos de 3 dos 4 últimos países sede: África do Sul, Brasil e Catar.

A Copa do Mundo – considerada não só a mais importante competição futebolística do planeta, mas, a cada edição, o maior acontecimento midiático da história – já pode ser apontada como uma das mais importantes vitrines, principalmente do país-sede, em contexto internacional. (KUPER; SZYMANSKI, 2010). Nesse sentido, Da Silva (2010, p.9) destaque que:

pode-se dizer que um evento como a Copa do Mundo de Futebol constitui uma oportunidade ímpar para que as relações internacionais trabalhem ainda mais ativamente em prol dos interesses do país, ao mesmo tempo fortalecendo sua política externa.

Segundo Suppo (2012), a não participação nos megaeventos esportivos é, para qualquer Estado, um considerável prejuízo, e isso denota, em grande medida, o enorme poder que concentram as ONGs que gerenciam o esporte. A Itália, quatro vezes campeã da Copa do Mundo, não se classificou para a Copa no Catar em 2022 mas ainda tinha esperanças de ser incluída entre os 32 classificados. Isso porque havia a expectativa do Irã ser punido pela FIFA por não ter permitido a entrada de 2000 mulheres em um jogo da seleção iraniana (GLOBO. 2022). Embora a tentativa da Itália não tenha tido resultado, o fato traduz o forte desejo de um país em participar de um evento de tamanha importância.

4.1 Copa do Mundo FIFA 2022 do Catar: análise, consequências e resultados

A possibilidade de sediar um evento, mostrar os pontos turísticos, apresentar uma face “moderna” a partir de estádios novos são atrativos interessantes. No entanto, antes e durante a realização do evento, o Catar foi fortemente criticado pela comunidade internacional e denunciado por infração aos direitos humanos e trabalho análogo à escravidão durante a construção das infraestruturas da Copa do Mundo de 2022. A rede estadunidense ESPN (2021) afirmou que o número de mortes passa dos 6,5 mil trabalhadores, em sua maioria provenientes de países como Paquistão, Sri Lanka, Bangladesh, Índia e Nepal. Diante disso, a seleção da Dinamarca chegou a dar declarações que seus uniformes não apresentariam qualquer marca ou símbolo como forma de protesto à realização do torneio, além de outras manifestações das entidades de cada país nas redes sociais. Além disso, se trata de um país onde a homossexualidade é considerado crime previsto por lei, as mulheres não possuem os mesmos direitos que os homens, dentre outras tantas restrições relacionadas ao islamismo, religião predominante no país.

Nas vésperas da Copa do Mundo, o embaixador do torneio Khalid Salman chegou a declarar que a homossexualidade seria um “dano mental”. Embora tenha mencionado que a população LGBTQIA + seria aceita no país durante a competição, fez questão de afirmar que as “regras teriam que ser aceitas”. De forma similar, muitos veículos da imprensa árabe minimizam os protestos contra o Catar. Algumas das manifestações partiram dos próprios jogadores de outras seleções, como no caso da Alemanha, que posou para foto oficial em sua primeira partida na Copa contra o Japão com as mãos na boca, como se estivessem sendo silenciados. O protesto foi contra uma decisão da FIFA em proibir propagandas de apoio às comunidades LGBTQIA + durante a Copa no Catar, como o uso das cores do arco-íris nas faixas de capitão e qualquer alusão às cores dentro dos estádios, tanto por equipes quanto por torcedores.

Embora tenha sofrido grande pressão internacional, a Copa do Mundo, em termos esportivos, o evento funcionou de acordo com as expectativas. Durante a realização do evento, a infraestrutura moderna projetada para a competição cumpriu o objetivo de levar conforto e bem estar aos torcedores e seleções participantes. O que se viu foi um torneio que gerou bastante engajamento na mídia televisiva e nas redes sociais, além do alto nível de competitividade entre os participantes, com destaque para a seleção de Marrocos que alcançou

de forma inédita as semifinais do torneio, sendo a primeira vez que uma seleção africana atinge tal feito.

Outro ponto positivo é o legado árabe deixado pela competição. Diferente da imagem de conflitos políticos entre os países árabes, a Copa do Mundo estimulou a união dos povos árabes em torno da paixão pelo futebol. Marroquinos, sauditas, catarianos, libaneses e egípcios comemoravam juntos a cada gol que uma seleção árabe marcava, em um cenário que as bandeiras de cada país não importam, apenas a “bandeira árabe” (BBC, 2022).

Entretanto, se uma das intenções do Catar era alavancar sua imagem no plano internacional, não se pode dizer que tal objetivo foi concluído com sucesso. As notícias sobre as péssimas condições de trabalho dos operários imigrantes nas construções dos estádios e demais locais percorreram o mundo e geraram inúmeras críticas aos responsáveis pela organização do torneio. Outro ponto baixo foi o tratamento dado à comunidade LGBTQIA+, também bastante criticado pelos veículos internacionais do ocidente em que foram proibidas quaisquer manifestações dentro ou fora dos estádios, sob risco de penas severas, já que a homossexualidade é tratada como crime no Catar. Nem mesmo num contexto de Copa do Mundo, o país conseguiu manejar com flexibilidade tal questão (G1, 2022).

Nye (2011), enfatiza que o *soft power* depende também da credibilidade. Reiche (2015) entende que se o Catar deveria ser mais receptivo à crítica internacional e aplicar os padrões de países mais avançados no mercado de trabalho. O ganho de poder brando não se explica em medidas de curto prazo, como tornar-se anfitrião da Copa do Mundo e sediar outros grandes eventos esportivos internacionais. O autor também defende a ideia de que o Catar poderia ter gerenciado a prática de naturalização, alargando sua pequena população, e permitindo que os trabalhadores imigrantes e suas famílias vivessem em melhores condições. Se o emirado tivesse trazido pessoas que falam o idioma árabe para trabalhar nas obras da copa, tal ação resultaria em melhores resultados de credibilidade para o país.

Em suma, é difícil indicar que o Catar, dentro do seu planejamento estratégico do *Qatar National Vision 2030*, alcance ganhos significativos no setor esportivo após a Copa do Mundo de 2022. Por ser um país ainda muito fechado e com barreiras culturais visíveis ao mundo, o emirado terá dificuldades de difundir o futebol dentro de seu território, especialmente pela baixa participação feminina no esporte.

Para Reiche (2015), incentivar as pessoas a praticar esporte regularmente é mais desafiador do que construir estádios. Desse modo, é igualmente difícil imaginar que os altos investimentos do país no setor esportivo possam gerar retornos financeiros na mesma proporção. A maioria dos torneios sediados pelo Catar, como os campeonatos de tênis da ATP, não são suficientes para manter enormes conglomerados energéticos quando os recursos fósseis do país estiverem se esgotando. Portanto, a noção de sucesso dessa estratégia naturalmente perpassa pelo desenvolvimento cultural do Catar, essencialmente em um contexto em que a estratégia é alavancar sua imagem no plano internacional .

4.1 *Sportswashing* no Catar

Diante da capacidade de aproximação social pelas identidades e subculturas, o futebol é capaz de impactar as principais relações entre Estados. Sua popularidade e seu poder atrativo, estes somados à capacidade de angariar aos países uma imagem positiva na comunidade internacional, colaboram para o desenvolvimento interno de um país e suas relações com seus vizinhos mais próximos, mas ocultam uma intenção de limpar a imagem negativa desses países, principalmente no que se refere à questão dos direitos humanos no Oriente Médio, onde Catar, Bahrein e Arábia Saudita fazem questão de relacionar os investimentos no esporte à uma concepção de “amistosidade” desses países.

Uma atividade com alto volume de circulação de capital por todo o planeta torna-se um fator de atração a empresas e agentes de outros setores econômicos com diferentes interesses, inclusive o *sportswashing*. Esse termo é abordado a partir de reflexões dos meios de comunicação na década anterior e significa a prática de uso do esporte para limpeza da imagem de um país de modo a sediar um megaevento, comprar clubes de futebol ou jogadores com alguma intencionalidade geopolítica (SKEY, 2022).

A prática do *sportswashing* teve ascensão nos países da região do Golfo a partir dos anos 2000. Os fundos financeiros, abastecidos pelas riquezas geradas pela produção dos hidrocarbonetos possibilitaram o investimento dos agentes privados e representantes estatais em obras para grandes eventos esportivos. Os esportes que receberam maior aporte financeiro e geraram interesses de Catar, Arábia Saudita e Bahrein foram o futebol e a Fórmula 1. Embora tenham seu principal mercado na Europa, os países árabes iniciaram um movimento de transferência de jogadores de regiões fora do centro econômico do futebol, em regiões como a América do Sul (especialmente jogadores brasileiros que eram atraídos por ofertas de

contratos irrecusáveis com garantias de salários e ganhos adicionais que superariam qualquer oferta em termos econômicos). Alguns jogadores chegaram a receber ofertas de naturalização, para que fosse permitido representar as seleções nacionais destes países em competições oficiais.

5. Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi elucidar e analisar como o esporte, especialmente o futebol, evoluiu ao ponto de ter se tornado um produto rentável e um mecanismo de projeção de poder não apenas para clubes e federações esportivas, como também para Estados - como no caso do Catar em 2022 - e para organizações internacionais, como a FIFA. Primeiramente, é necessário compreender que o futebol conseguiu se difundir pelo mundo graças à facilidade de sua prática e fácil acesso por distintas sociedades com distintas classes sociais, além do seu poder como elemento de afirmação nacional diante de uma relação entre Estados multinacionais, dessa vez arraigado pelo crescimento da mídia e da espetacularização e massificação do esporte no período pós-guerra.

Como base teórica, é destacado o trabalho de Joseph Nye, no que se refere ao seu estudo acerca de poder dos Estados, especialmente a ideia de *soft power*, este pautado no processo de cooptação e atração, ou seja, uma política em que os atores estatais criam e expandem sua área de influência através do apelo e sedução dos aspectos culturais e sociais, sem conduzirem suas estratégias em conflitos militares e imposições econômicas para atingirem seus objetivos. As obras utilizadas para exposição da argumentação no decorrer do trabalho foram: *Bound to Lead: the changing nature of American power*, *The Means to Success in World Politics* e *The Future of Power* (1991).

Para compreender como o futebol impacta diretamente nas relações internacionais, fez-se necessário analisar a dinâmica de atuação da FIFA e suas relações com os Estados. Diante disso, é possível apontar que a entidade adquiriu um patamar de relevância no cenário internacional, visto que a entidade conta com mais membros que a própria ONU, onde países como Curaçao, Palestina e Porto Rico são vinculados.

Não obstante, o trabalho analisa o comportamento do Catar, último país sede da Copa do Mundo FIFA. Compreende-se que o emirado ganhou relevância no mundo devido às riquezas geradas com a exploração e produção de hidrocarbonetos, sendo estes o petróleo e recentemente, o gás natural (GNL). Tal relevância é explicada diretamente pela criação dos

fundos soberanos, uma espécie de reserva de riquezas que o país utiliza para investimentos pesados em tecnologia de infraestrutura, educação, mídia e esporte, sendo o último objeto de análise deste trabalho, de modo que o relativo sucesso do Catar está diretamente vinculado à estratégia recente do governo catari. Na sequência observou-se o comportamento do país em termos de *soft power*, baseado nos estudos de Nye e nos estudos acerca da globalização, diplomacia pública e *state branding*.

Portanto, é analisado o impacto da realização de megaeventos internacionais diante do fenômeno da globalização. Nesse ponto, conclui-se que o alcance que esses eventos geram reflete a globalização de forma que hoje existem inúmeros meios de comunicação que expandem as fronteiras da informação, especialmente com o desenvolvimento e rápida popularização da internet. Sedar um megaevento de tamanha proporção como a Copa do Mundo, confere a possibilidade de alavancar a imagem do país sede, bem como a formação de parcerias entre os Estados e empresas privadas (*state branding*) para construções dos estádios e demais instalações, além da promoção do país ao mundo, diante da ideia de garantir maiores lucros.

Além disso, o trabalho finaliza ao traçar os resultados positivos e negativos que o Catar obteve ao sediar a Copa do Mundo de 2022. Embora tenha deixado boas impressões com seu potencial tecnológico devido às modernas mega estruturas construídas para o evento e também pela união dos povos árabes pela paixão ao futebol, é válido afirmar que o país não obteve sucesso em sua estratégia de alavancar sua imagem frente à comunidade internacional, de modo que veículos internacionais frequentemente criticaram o modo de tratamento do governo catari aos trabalhadores que atuaram na construção dos estádios, como também às reações negativas que o país teve sobre questões como os direitos da comunidade LGBTQIA+. Os protestos dos próprios jogadores de seleções como a Alemanha e Dinamarca ilustram a controvérsia do Catar ter sediado o torneio. Entretanto, mesmo que sob fortes críticas, o país continuará investindo no esporte, estratégia presente no documento *Qatar National Vision 2030* e entrelaçada com o chamado *sportswashing*, prática de uso do esporte para limpeza da imagem de um país de modo a sediar um megaevento, comprar clubes de futebol ou jogadores com alguma intencionalidade geopolítica.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

AL JAZEERA. **Who We Are: Al Jazeera Media Network**. Doha, Qatar, 2023. Disponível em <<https://network.aljazeera.net/en/about-us#:~:text=Al%20Jazeera%20has%20extensive%20reach,more%20than%20430%20million%20homes>> Acesso em 1 nov. 2023.

ANHOLT, Simon. Beyond the Nation Brand: **The Role of Image and Identity in International Relations**. UK, Foreign Office Public Diplomacy Board. Exchange: The Journal of Public Diplomacy, Vol. 2, 2013, Iss. 1, Art. 1

ALMEIDA, Rodrigo Accioli; PEREIRA, André dos Santos Alonso. **Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol**. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

BARNETT, Michael; FINNEMORE, Martha. The power of liberal international organizations” in Barnett, Michael; Duvall, Raymond (eds.) Power in Global Governance. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.161-184.

BBC. Copa do Mundo 2022: os legados (positivos e negativos) deixados Mundial no Catar. BBC News Brasil, 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64027926>> Acesso em 11 ago 2023.

GARDNER, Frank. **O complexo papel do Catar como mediador para libertar reféns sequestrados pelo Hamas**. BBC, BBC News Brasil, 2023.

BINSZTOK, Jacob. **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. Rio de Janeiro: Ed. MAUAD Ltda, 2012.

CONANT, Melvin; GOLD, Fern Racine. **A Geopolítica Energética**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1981.

COPA ALÉM DA COPA. **Especial Arábia Saudita - Copa Além da Copa #65** Apresentadores: Carlos Massari e Aurélio Araujo, 2023. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/5cw4brijmEd01cbl1ny0J7>> Acesso em 2 jul 2023

COPA ALÉM DA COPA. **Especial Copa do Mundo 2022: Grupo A (Catar, Equador, Senegal e Holanda) - Copa Além da Copa #50**. Apresentadores: Carlos Massari e Aurélio Araujo, 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0gqxIZM2Hp2mIEWhKTh5Op>> Acesso em 20 mai 2023

COPA ALÉM DA COPA. **Investimentos do Oriente Médio no esporte e sportswashing - Copa Além da Copa #44** Apresentadores: Carlos Massari e Aurélio Araujo, 2021 Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/7rAlTx8Dxuxq7JyAzIIscJ>> Acesso em 13 mai 2023

CULL, Nicholas John. **Public Diplomacy: Lessons from the Past**. Los Angeles: Figueroa Press, 2009. 61 p.

CULL, Nicholas John. **Before Gullion: The Evolution of a phrase**. USC Center on Public Diplomacy. Los Angeles, 2006.

DA SILVA, Renata Freitas. **Copa do Mundo de 2014: a política externa brasileira em perspectiva**. 2010. Disponível em <<https://bdm.unb.br/handle/10483/1071>> Acesso em 10 ago 2023

DARBY, Paul. **Africa, Football and FIFA: Politics, Colonialism and Resistance**. Liverpool Hope University College, Liverpool, 2002.

DE VASCONCELLOS, Douglas Wanderley. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**. 1 ed. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

DRUMOND, Maurício. **Muito além de Neymar: o Catar e o investimento no Paris Saint-Germain como forma de projeção internacional**. Ludopédio, São Paulo, v. 104, n. 28, 2018.

FIGOLS, Victor de Leonardo. **Futebol e Terrorismo: quando a bola vira alvo**. Ludopédio, São Paulo, v. 94, n. 18, 2017.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FROMHERZ, Allen James. **Qatar: A Modern History**. Georgetown University Press. Georgia State University, 2012.

GE. **Organizações cobram da FIFA US\$ 440 milhões para trabalhadores imigrantes no Catar**. Redação GE. Doha, Catar, 2022. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/05/19/organizacoes-cobram-da-fifa-us-440-milhoes-para-trabalhadores-imigrantes-no-catar.ghtml>> Acesso em: 15 ago 2023.

GE. **Embaixador do Catar na Copa define homossexualidade como “dano mental”**. Redação GE. Doha, Catar, 2022. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/11/08/embaixador-do-catar-na-copa-define-homossexualidade-como-dano-mental-assista.ghtml>> Acesso em: 11 ago 2023

GE. **Fim da novela: Paris Saint Germain anuncia a contratação de Neymar**. Barcelona, 2017. Disponível em <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/fim-da-novela-paris-saint-germain-anuncia-a-contratacao-de-neymar.ghtml>> Acesso em 4 mai 2023.

GLOBOESPORTE. **Deserto da Arábia Saudita vai receber os Jogos de Inverno da Ásia**. São Paulo, 6 set. 2022. Disponível em <<https://ge.globo.com/olimpiadas-de>>

inverno/noticia/2022/10/06/deserto-da-arabia-saudita-vai-receber-jogos-de-inverno-da-asia.ghml> Acesso em 10 jun. 2023.

GQ. **FIFA diz que Itália não disputou a Copa do Mundo, apesar da situação do Irã.** GLOBO. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em <<https://gq.globo.com/GQ-Esporte-Clube/noticia/2022/03/selecao-italiana-ainda-tem-esperanca-de-jogar-copa-do-mundo.html>> Acesso em 16 ago. 2023

GUTTMANN, Allen; THOMPSON, Lee. **Japanese Sports: A History.** University of Hawai'i Press. 2001.

HAM, Peter Van. **The Rise of the Brand State: The Postmodern Politics of Image and Reputation.** Foreign Affairs, v. 80, n. 5, out. 2001, p. 2-6.

KEOHANE, Robert O. (1988) “**International Institutions: Two Approaches**”. International Studies Quarterly, 32(4), 379-396. UIA: Union of International Associations (2013) “International Federation of Association Football” <http://www.uia.org/s/or/en/1100020334>

KLARE, Michael T. **La Geopolítica del natural gas.** Tradução: Leandro Nagore. The Nation. Nova Iorque, 2006.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. **Soccernomics: Porque a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia - e até mesmo o Iraque - podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo.** 1 ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

LEITE JUNIOR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. **Soft power e futebol: os casos de Catar, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita.** SIMÕES, Irlan (Org.). Clube Empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. São Paulo: Corner, 2020, p. 298-331.

MELISSEN, J. **The New Public Diplomacy: Soft Power in International Relations.** Palgrave, Netherlands Institute of International Relations. Clingendael, Netherlands 2005, p. 3-27.

AL MUFTAH, Hend. **Demographic Policies and Human Capital Challenges.** Policy-Making in a Transformative State. Palgrave Macmillan, London, 2016.

NATIONAL DEVELOPMENT STRATEGY. **Qatar National Development Strategy.** Doha: General Secretariat for Development Planning, 2011.

NYE, Joseph S. (2004) **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** New York: Public Affairs

NYE, Joseph S. (2011) **The Future of Power.** New York: Public Affairs.

PERIARD Thiago; LOSEKANN, Luciano Dias. O BoomPetróleo, doença holandesa e dependência da renda petrolífera. In: MONIÉ,

PIZARRO, Juliano Oliveira. **FIFA e o soft power do futebol nas relações internacionais**. Recorde, v. 10, n. 2, p. 1-19. Rio de Janeiro, 2017.

RAMOS, Pedro de Oliveira. **Por que a FIFA funciona?: uma análise da organização internacional que controla o futebol no mundo**. 2011. 70 f. Monografia (Especialização em Relações Internacionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DA SILVA, Igor Castellano. **O Modo Africano de Fazer a Guerra: A Guerra Proxy Irregular Regionalizada**. DADOS, Rio de Janeiro, vol.65 (3), e20190197, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/DKntGtesP7YtNzFhr5vPp7M/> Acesso em: 17 mai. 2023

ROSS, Michael L. **What do We Learned About the Resource Curse?** Annual Reviews. Annual Review of Political Science. Vol 18, p 239-259. University of California, Los Angeles, 2015.

UOL. **Ditadores e Azerbaijão ajudam a conter ascensão do Atlético de Madrid**. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/liga-dos-campeoes/ultimas-noticias/2014/05/23/ditadores-e-azerbajao-ajudam-a-contar-ascensao-do-atletico-de-madri.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 02 ago 2023. Vol 18, p 239-259. University of California, Los Angeles, 2015.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Desporto, Poder e Relações Internacionais**. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

G1. **Copa do Mundo 2022: Os legados positivos e negativos deixados pelo Mundial no Catar**. BBC. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/12/19/copa-do-mundo-2022-os-legados-positivos-e-negativos-deixados-pelo-mundial-no-catar.ghtml> Acesso em 15 ago 2023.